

O USO DA MÚSICA COMO NOVA LINGUAGEM NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A PROJEÇÃO DO SUJEITO NA CANÇÃO “CONSTRUÇÃO”

Ramon de Alcântara Aleixo
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB- PIVIC

Wagner Tavares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB-PIVIC

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

RESUMO

Neste artigo procuramos discutir a inserção das novas linguagens no processo de ensino e escrita de história do ensino médio, como contribuição diante das atuais perspectivas disseminadas no âmbito da História da Educação, objetivando, assim, despertar o interesse de alunos e alunas para o ensino-aprendizagem da disciplina de história. Nosso objetivo é mostrar, referendados nos estudos de Bittencourt e Cainelli, como a relação entre ensino de História e música pode contribuir para uma maior sistematização e elaboração de conceitos difundidos por esta disciplina. Nosso estudo se centra em uma pesquisa de cunho bibliográfico e semiótico, onde através da análise da canção “Construção” de Chico Buarque, podemos observar as condições sócio-trabalhistas a que os sujeitos sociais estavam relegados na década de 1970. Os resultados nos permitem constatar que a música como linguagem educativa pode contribuir para despertar a criticidade dos alunos, permitindo dessa forma, no processo de construção da cidadania, fazendo-os reconhecerem-se como sujeitos históricos envolvidos na construção da identidade nacional.

Diante das mudanças de paradigmas do conhecimento histórico acadêmico, principal referência para a construção do conhecimento histórico escolar, constitui-se de fundamental importância a reelaboração dos seus próprios elementos de construção, ao relacioná-los na aula de história ao saber apreendido na vivência cotidiana de cada um. Imagens e objetos vistos e observados; letreiros, textos, cartazes lidos de passagem; audição de músicas; tudo isso tem se constituído em linguagens da história e de fontes para o conhecimento histórico acadêmico passam a ser recursos didáticos para auxiliar o aluno na construção do seu conhecimento. Como a significação do conceito no conhecimento escolar não corresponde à significação do mesmo no saber acadêmico, no processo de aprendizagem as fontes se transformam em recursos didáticos, na medida em que são chamadas para responder perguntas e questionamentos adequados aos objetivos da história ensinada. Isso acontece quando se dá a divisão do conhecimento em campos de saber delimitados e em práticas de aprendizagem especializadas que levam à despersonalização do conhecimento, com a finalidade de permitir a sua retomada em programas e planejamentos. (BITTENCOURT, 1999).

As chamadas linguagens alternativas para o ensino de história mobilizam conceitos e processam símbolos culturais e sociais, mediante os quais apresentam certa imagem do mundo. Imagem esta que acarreta outras instâncias de referências, como comportamentos, moda e vocabulário. Elas provocam uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem que, donas de identidades próprias, exigem uma proposta didática e instrumental adequada para sua exploração nas salas de aulas de história.

Dessa forma, torna-se essencial, no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina História, a valorização da vivência cotidiana do aluno, bem como seus contatos pessoais com familiares, amigos, de forma a levarem os alunos e alunas a formular conceitos espontâneos que carecem de formas de explicitação a ser construídas no processo de aprendizagem formal. Nesse processo, os mesmos instrumentos que levam à construção dos conceitos espontâneos podem ser retomados para a caminhada em direção à construção dos conceitos científicos.

A aproximação entre os conceitos científicos e os conceitos espontâneos é facilitada pela utilização de outros conceitos importantes para a compreensão da história, como o de empatia histórica e o de evidência. Segundo Cainelli (2003, p. 19-30) “ a empatia histórica pode melhor ser entendida como uma realização- algo que acontece quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais seus objetivos, como entenderam aquela situação e se conectamos tudo isto com o que os agentes fizeram”

A produção cultural, que se expressa por meio de diferentes linguagens, transforma-se em evidência quando, de material original, isto é, de produção não-intencional para finalidades pedagógicas, passa a ser um instrumento para o desenvolvimento de conceitos na aula de história. Nessa perspectiva, este artigo propõe um trabalho didático, no qual as letras de músicas populares sejam colocadas como evidências de fatos históricos. Elas são representações, não se constituem num discurso neutro, mas identificam o modo, em diferentes lugares e em diferentes tempos, como uma determinada realidade social é pensada e construída.

Ao nos voltarmos para a análise das condições sócio-culturais no Brasil, na década de 1970, encontramos nas canções do cantor e compositor Chico Buarque de Holanda um referencial para a elaboração de conceitos, bem como a percepção das relações de poder existentes naquele período. Assim, por meio da linguagem oral cotidiana, propomos a análise das condições sócio-trabalhistas a que estavam relegadas os trabalhadores da construção cível ao longo do período ditatorial militar, através da análise da canção “Construção”.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PERÍODO:

Nas duas décadas transcorridas entre os anos de 1964 e 1984, o Brasil viveu um dos períodos mais sangrentos de sua história. Perseguições, seqüestros, torturas, exílios, assassinatos, censura á imprensa e à produção intelectual, eliminação do processo eleitoral direto passaram a estampar capas de jornais e adentrar a realidade brasileira, criando, dessa forma, um contexto sócio-político esquizofrênico onde a violação dos direitos humanos parecia algo inerente ao nosso cotidiano.

A criação artística da época, como não poderia deixar de ser, ficou essencialmente marcada pelo contexto atroz característico dos regimes ditatoriais. Uma das mais atuantes frentes de oposição ao regime político instalado no país em abril de 1964 foi formada por jovens artistas, muitos deles surgidos no decorrer dos anos 60; onde os Festivais da Canção juntamente com os Centros Populares de Cultura e Arte da União Nacional dos Estudantes - UNE- ajudaram a difundir o ideal revolucionário defendido pelas entidades estudantis de esquerda e diversos setores da classe média, insatisfeitos com a postura adotada pelo regime que outrora esta última ajudou a implantar.

A REPRESSÃO CULTURAL PÓS-64 E OS SEUS MECANISMOS DE PODER:

Dentre os setores da classe artística que emprestaram seu talento ao combate da opressão instalada pelo regime pós 64, podemos destacar a figura de Chico Buarque de Holanda. Músico, poeta, dramaturgo e escritor, construiu uma obra de vasta e profunda repercussão na cultura brasileira, na qual a crítica social dialoga constantemente com o expectador, constituindo-se assim, no mais veemente cronista do seu tempo.

Sendo assim, propomos a análise da obra desse artista através da canção “Construção”, composta por Chico em 1971, no auge da repressão imposta pelo poder ditatorial militar. Dessa forma, propomos uma reflexão a respeito do comportamento do sujeito projetado nessa canção e a maneira como o poder o cerceia, no sentido de anular qualquer tipo de atitude que viesse a corromper a “estabilidade” preterida pelo regime.

De acordo com essa perspectiva, procuramos entender a concepção de sujeito a partir das teorias elaboradas por Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, no sentido de elucidar a constituição do sujeito retratado pela canção.

Para Bakhtin, o sujeito deve ser entendido como um eu que se constitui a partir e por meio de um

outro. Sob essa perspectiva, a construção subjetiva dar-se-ia por meio da interação discursiva entre dois sujeitos. A linguagem, sob esse prisma, seria o elo entre as duas personagens do discurso. Bakhtin, ao propor uma filosofia marxista da linguagem afirma que, somente no âmbito da interação verbal (relação entre eu - outro) é que se pode obter uma filosofia materialista da linguagem.

Dessa forma, constatamos que o diálogo – entendido como interação verbal entre um eu e outro eu- ocupa um lugar fundamental nas pesquisas bakhtinianas; constituindo-se na base para a concepção de sujeito, de discurso, de signo, entre outras concepções que norteiam o pensamento bakhtiniano a respeito das ciências humanas modernas.

Para Foucault, o sujeito deve ser entendido sobre o prisma da dispersão. Sob essa perspectiva, a análise subjetiva deve centrar-se nas posições em que os sujeitos estão inseridos. Essa dispersão pode ser compreendida pelas diferentes modalidades enunciativas nas quais os sujeitos podem se inserir e ser inseridos. Como está enunciado em *A Arqueologia do Saber* (Foucault, 2004):

(...) as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos da fala. Se esses planos estão ligados por um sistema de relações, este não é estabelecido pela atividade sintética de uma consciência idêntica a si, muda e anterior a qualquer palavra, mas pela especificidade de uma prática discursiva. (2004, p.61)

Ao manifestar-se – ou ser manifestado- em um discurso, o sujeito pode elucidar suas condições sociais bem como denunciar a estrutura do poder que o cerceia. Por meio do discurso, entendido aqui como prática, é que o sujeito será percebido como mais ou menos privilegiado na organização do poder. De acordo com a concepção foucaultiana a distribuição do poder é revelada a partir do discurso praticado por um sujeito. Sob essa perspectiva, a prática discursiva é cercada por uma série de regras sociais que determinam, em maior ou menor grau, a maneira de vermos uma dada época. Diversas técnicas são utilizadas para que a ordem imposta pelo sistema não seja perturbada. Podemos citar os inúmeros casos de tortura e perseguição políticos ocorridos ao longo da ditadura militar – período da produção de “Construção”- onde o poder vigente criou diversos mecanismos e estratégias punitivas visando a manutenção da “estabilidade” preterida pelo regime.

Foucault estabelece uma importante relação entre saber e poder. Sabemos que ao longo do processo histórico o poder criou e cria mecanismos novos para se manter, de forma que a uma nova configuração do poder, há uma configuração de saber. É o caso, por exemplo, da instituição dos órgãos de informação, em larga escala, no período ditatorial. Para garantir a

manutenção do poder militar, o sujeito que ousasse criticar era submetido a uma série de interrogatórios a respeito de suas posições político-sociais. Caso as convicções do interrogado não condissessem com as prerrogativas do poder militar, o sujeito era preso, torturado e, até mesmo, morto. Para executar essas tarefas foram criados diversos órgãos como o CIE – Centro de Informações do Exército-, o CENIMAR – Centro de Informações da Marinha- , o CODI- Centro de Operações de Defesa Interna-, dentre outros que visavam à adequação dos sujeitos aos moldes ditados pelo poder. Notamos, então, a profunda relação entre saber e poder; como nos diz Foucault: *“A subversão é o saber que permite a exclusão de determinado tipo de sujeito das altas posições de poder”* Vigiar e Punir (FOUCAULT, 2003).

Sendo assim, propomos a análise discursiva do sujeito retratado através da Canção “Construção”
Atentemos para a canção:

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe

Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina

Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse musica
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado

Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Percebemos que se trata de um gênero textual com marcas narrativas enunciado em terceira pessoa. Afirmamos isso porque percebemos que a canção narra o percurso de um sujeito ou, a ação de um sujeito num espaço e num tempo. Comprovamos isso ao atentarmos determinadas ações realizadas pelo sujeito, como: “*Subiu a construção como se fosse sólido/ Ergueu no patamar quatro paredes mágicas*”.

O trecho: “*Subiu a construção como se fosse máquina/ Ergueu no patamar quatro paredes sólidas/ Tijolo com tijolo num desenho mágico*”; nos permite pensar que a canção narra a trajetória de um operário da construção civil, esse pensamento é reforçado pela presença no discurso de elementos como “construção”, “quatro paredes” e “tijolo”, inclusive são esses elementos que justificam o título da canção.

Entretanto, esse sujeito, não pode ser entendido apenas sob o ponto de vista que ele ocupa na organização social na qual ele está inserido, mas também pelas interações que ele realiza. Sendo assim, incluímos, na rede de relações a qual o sujeito pertence, a figura dos filhos e da mulher, marcadas no texto por: “*Beijou sua mulher como se fosse a última*”, “*E cada filho seu como se fosse o pródigo*”. Através da expressão “*E cada filho*” que enuncia o verso, elucidamos a reprodução da realidade do trabalhador brasileiro com mulher e filhos para sustentar.

Ao criar o sujeito retratado em “Construção”, Chico Buarque chama atenção para os mecanismos disciplinares que o poder impõe. No trecho: “*Subiu a construção como se fosse máquina/ Ergueu no patamar quatro paredes sólidas*”. Ao ser comparado à máquina, o sujeito é caracterizado como uma espécie de robô, devendo realizar funções mecanicamente, sem pensar ou político, econômico e social vigente. Em Vigiar e Punir (Foucault, 2003: 184), há a seguinte passagem:

As disciplinas ínfimas, os panoptismos de todos os dias podem muito bem estar abaixo do nível de emergência dos grandes aparelhos e das grandes lutas políticas. Elas foram, na genealogia da sociedade moderna, com a dominação de classe que atravessa, a contrapartida política das normas jurídicas segundo política das normas jurídicas segundo as quais era redistribuído o poder. Daí sem dúvida a importância que se dá há tempo aos pequenos processos da disciplina, a essas espertezas à toa que ela inventou, ou ainda aos saberes que lhe emprestam uma face confiscável; daí o receio de se desfazer delas se não lhes encontramos substituto; daí a afirmação de que estão no próprio fundamento da sociedade, e de seu equilíbrio, enquanto são uma série de mecanismos para desequilibrar definitivamente e em toda a parte as relações de poder; daí o fato de qualquer moral, enquanto elas são um fixe de técnicas físico-políticas.

No trecho; “*Morreu na contramão atrapalhando o público*”, percebemos a criticidade atribuída a indiferença do sistema quanto à morte do sujeito, ressaltando a realidade de muitos brasileiros da época, que mantinham-se por meio do trabalho na construção civil, expostos a péssimas condições salariais, bem como a riscos de acidente nas obras de trabalho.

Em “Construção” como em diversas outras canções de sua autoria, Chico Buarque confere voz aos marginalizados pelo sistema social. Sob essa perspectiva, entendemos o poder do discurso para excluir os sujeitos do poder ou dar voz aqueles que são excluídos, como nos mostra Foucault em *A ordem do discurso* (FOUCAULT, 1996):

(...) o Discurso (...) não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo-, e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (1996, p.10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Um trabalho com a linguagem expressa das canções foge ao convencional em sala de aula. Seu propósito é auxiliar o aluno a construir o conhecimento histórico a partir de documentos diferenciados dos costumeiramente presentes nas aulas e, por isso, sua utilização está relacionada a propostas alternativas de organização de conteúdos. Os diferentes temas trabalhados na canção (trabalho, disciplina do trabalho, mecanismos de poder, repressão, entre outros) podem sugerir ao professor novos roteiros de organização dos conteúdos a serem desenvolvidos, desviando-se de propostas guiadas exclusivamente pela cronologia, predominantes nos manuais didáticos.

Tal metodologia de ensino auxilia os alunos a elaborarem conceitos e dar significados a fatos históricos. As letras de música se constituem em evidências, registros de acontecimentos a serem compreendidos pelos alunos em sua abrangência mais ampla, ou seja, em sua compreensão cronológica, na elaboração e re-significação de conceitos próprios da disciplina. Mais ainda, a utilização de tais registros colabora na formação dos conceitos espontâneos dos alunos e na aproximação entre eles e o conhecimento científicos.

BIBLIOGRAFIA:

BITTENCOURT, Circe M.F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins fontes, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUTITEC, 2004.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

_____. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Holanda, C.B.de. *“Construção”*. Construção. Cidade: Gravadora 1971